

15 A 18 ANOS

Primeiro lugar: Isabella Alves Alexandrino – Colégio Atena

Título: A literatura pelos meus olhos

Sempre busquei por um lugar onde o inimaginável era possível, onde pudesse fugir da realidade, desejava uma terra sem limites. Assim encontrei-me na literatura, encontrei um universo diferente em cada livro. Porém, esse não é o único sentido, o único objetivo da literatura, pois cada personalidade pode usufruir dela de uma maneira diferente. Há quem a utilize para escrever e espalhar seus pensamentos, há quem a manuseie como arma política e há quem a utilize como uma forma de denúncia.

Um indispensável exemplo da literatura como forma de denúncia é a literatura negra, cujas obras foram importantes instrumentos de diversas causas, assim como para a abolição. Esse é o caso de Luiz Gama e de Maria Firmina dos Reis, ambos autores abolicionistas importantes, porém pouco lembrados. Em suas obras denunciavam os horrores que ocorriam com os negros no século XIX que, apesar de não serem os mesmos, ou na mesma intensidade, perduram até os dias atuais, Ao pensarmos, por exemplo, na população de baixa renda ou em pessoas presas nos cárceres, como as imaginamos? Pensamos majoritariamente em negros. E quando pensamos em médicos, dentistas e juízes? Nem preciso continuar. Lógico que há exceções, contudo, tais temas e preconceitos provêm de séculos como um país colônia, em que o negro era considerado inferior, pensamento que até hoje não foi descredibilizado por completo.

Esse ano celebram-se 200 anos da independência do Brasil e, apesar de ser uma data comemorativa, não podemos nos esquecer que este foi um processo elitista, deixando de fora a maior parte da população brasileira. É preciso, portanto, decolonizar esse pensamento e recriar nossa liberdade e identidade.

Refletindo acerca desses temas, percebi que a literatura é fundamental em todos os momentos da História, sendo imprescindível em revoluções, denúncias, reflexões, entre outros. Sonho com um dia em que concursos literários não precisem mais trazer temas como esse, porque precisam ser discutidos. Torço para que seja possível haver, no futuro, temas alegres e divertidos, como o amor, a amizade e a empatia.

Segundo lugar: Mariana de Oliveira Borges – E.E. Vasco Santos |

Título: Vozes que clamam

Um novo mundo se anunciava em uma terra repleta de silvículas. Os brancos chegaram em suas naus para enriquecerem seu rei e suas próprias bolsas. Necessária mão de obra foi chegando em embarcações. Acorrentados, famintos, somente sentiam a chibatada. “Negras mulheres, suspendendo às tetas/Magras crianças, cujas bocas pretas/Rega o sangue das mães”. Assim o Navio Negreiro, obra prima de Castro Alves, nos faz rever as cenas dantescas e violentas que marcaram o início do trabalho escravo no Brasil.

Muitos se levantaram contra a escravidão e posteriormente contra os desmandos da coroa portuguesa. Entre eles, Maria Firmina dos Reis, em 1859, lançava em meio a este turbilhão o romance Úrsula. A obra chamava a atenção por ser escrita por uma mulher mestiça, filha de branca com negro, mas foi esquecida propositalmente durante mais de um século por se posicionar contra a escravidão.

Textos narrativos e poéticos inflamavam as consciências nos folhetins e saraus em busca de liberdade e justiça social. Do século XIX até o século XX, muito se lutou por estes nobres ideais. Após a Abolição da Escravatura, iniciou-se uma luta pela igualdade que perdura até os dias atuais, um exemplo é o sistema de cotas em universidades que gera polêmicas até mesmo dentro da comunidade negra.

A Independência do Brasil, em 1822, deu não só aos escritores românticos como aos outros também, uma literatura “da terra”, em que indígenas, negros e brancos em vários núcleos narrativos e poéticos traziam não só os costumes, mas principalmente a noção de caráter ser mais valorizado que a cor da pele. Hoje cada escritor, independente do gênero, idade, classe social, raça ou sexualidade, é uma voz que somada a tantas outras, clama pela liberdade de viver suas escolhas.

Terceiro lugar: Mariana Gomes Sousa – Colégio Dom Bosco
Título: Vindos do baobá

Em maio de 1888 a aprovação da Lei Áurea deu a Princesa Isabel o carácter de protagonista heróica da emancipação social negra. Opondo-se à utopia do fim das senzalas, a população preta continuou submetida as correntes do preconceito, da insalubridade e da marginalização tem-se como herança, às margens plácidas do colonialismo que as cegou não se reconhecer em Macunaíma, mas ver-se em Pedro Álvares Cabral.

Em primeira instância, os conteúdos históricos abordados durante a vida escolar da vasta maioria dos brasileiros, tem teor eurocêntrico. O conhecimento sobre a história dos povos africanos que contribuem para a maior parte da hereditariedade são rechassados, citando Paulo Freire: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido e se honrar o opressor” enquanto não há representatividade a identificação cultural pela branquitude, perdura.

Um segundo ponto, é a desvalorização da produção intelectual negra impede a diminuição da condescente disparidade literária racial. Á priori, existente desde Machado de Assis que nascido em seu preto foi registrado como branco em sua certidão, explicitando colorismo estranhado na cultura brasileira.

Em vista deste país gigante por sua diversidade, deve-se então dar o brado mais relumbrante em nome da verdadeira libertação racial, para que se cresça um país forte com raízes de Baobá.

CATEGORIA 15 A 17 – QUARTO LUGAR – Graziella Aparecida Pereira

Título: Escritas Magnificas silenciadas pela discriminação racial

“O Brasil não tem povo, tem público”. Essa frase, dita pelo escritor Lima Barreto para criticar a apatia e a indiferença do brasileiro quando da inauguração da República federativa do país, também se encaixa no cenário pós-Abolição da Escravatura. Neto de uma escrava liberta, o autor sofreu com barreiras que a cor da pele lhe impunha para se consagrar escritor. Em vida, enfrentou críticas deveras aos seus escritos. 30 anos após seu falecimento Barreto teve sua obra reconhecida como uma das mais importantes da literatura brasileira, expoente do pré-modernismo. A vida e a obra do autor retratam como o período pós-abolição no Brasil foi marcado pela emancipação, mas não pela igualdade.

A princípio com a aprovação da lei Áurea, teoricamente, a escravidão estava abolida, em contrapartida, a “liberdade” dos ex-escravizados era ilusória. Uma vez que apesar de não serem mais propriedade de ninguém, continuaram presos ao preconceito enraizado na população. Com isso, ficou comprovada a tese de Lima Barreto de que, no Brasil, não se valoriza a diversidade cultural, já que os negros foram inferiorizados e silenciados em diversos campos sociais, entre eles, na literatura, uma vez que para o público da época, a cor da pele era o motivo de segregação, como no caso de Barreto.

Também à época do Brasil escravista, já havia obras de protesto à situação preconceituosa em que os negros viviam. “Úrsula” de Maria Firmina dos Reis, além de contar ricas críticas às violências sofridas, deu protagonismo aqueles que sofriam com a escravidão, por exemplo, por meio da personagem Suzana, escrava africana arrancada de sua terra natal e família e atirada ao navio negreiro com destino ao Brasil. Nessas obras, muitas delas silenciadas ao longo da história, os escravos não eram mais tratados de modo inferiorizado, conforme a propalada visão europeia mas resignificados em sua luta contra a opressão, a fim de denunciar as crueldades daquele regime, e principalmente humanizadas perante à sociedade.

Por fim, ressalta-se que muitos textos literários, tais como de Lima Barreto e de Maria Firmina, apesar de ser importante papel no movimento abolicionista, trazendo denúncias só foram devidamente reconhecidos na contemporaneidade. Frente a isso, é necessário que o público brasileiro conheça, leia e divulgue os diversos autores nacionais negros que narraram, relatavam e fizeram história por meio da literatura brasileira. Com isso seria possível promover o “público” a “povo” aqueles que têm orgulho de fazer parte dessa sociedade, e não aqueles que relativizam com o discurso de que “representatividade” não é importante.

CATEGORIA 15 a 18 anos QUINTO LUGAR – Nycáely Irany Dias Ferreira

Título: Literatura e História

Depois da Independência do Brasil, algumas mudanças aconteceram, o país passou a ser uma monarquia o que for pareceu grandes proprietários de terra e comerciantes locais. Mas embora tenha ocorrido essas mudanças, a escravizacão permanecia e com a Abolição da Escravatura assinada pela princesa Isabel alguns escravos ainda continuavam trabalhando, por assim não terem para onde ir, ou dinheiro para se sustentar. Então, hoje vemos poucos negros que têm oportunidade de se beneficiarem pelo próprio mérito e quando são há sempre algo velado de que o “branco” deixou.

Temos em nosso meio muitos literários como Machado de Assis e Maria Firmina dos Reis, artistas, como Gilberto Gil membro da academia Brasileira de letras, muitos artistas, atrizes, jornalistas muitos que conseguiram ultrapassar a barreira do racismo e do preconceito arraigados em nossa sociedade.

Embora com o ressentimento de alguns, outros muitos não conseguem, não têm a mesma oportunidade e com isto desistem de seus sonhos e continuam sendo marginalizados pelo sistema. Com isso, o Brasil que é um país continental e evoluído precisa de pessoas que se enganam na luta por um país melhor a todas as pessoas, independentemente da cor de pele. Em suma somente através da educação, da leitura e da criticidade advindas delas, conseguiremos viver em um mundo mais justo igualitário.